

A Folha d'Ovar

FOLHA POLITICA, LITTERARIA E NOTICIOSA

ASSIGNATURA

Assignatura em Ovar, semestre..... 500 réis
Com estampilha..... 600 »
Fóra do reino accresce o porte do correio.
Pagamento adiantado.
Annunciam-se obras litterarias em troca de dois exemplares.

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — LARGO DE S. MIGUEL

DIRECTOR E RESPONSÁVEL

M. GOMES DIAS

PUBLICAÇÕES

Publicações no corpo do jornal, 60 réis cada linha.
Annuncios e communicados, 50 réis; repetições, 25 réis. — Annuncios permanentes, 5 réis.
25 p. c. de abatimento aos srs. assignantes.
Folha avulsa, 20 réis.

Ovar, 18 de janeiro

O FUTURO MINISTERIO

A' hora em que estamos escrevendo, ainda a camara dos deputados se não constituiu, ainda o governo não declarou os projectos de fazenda, dos quaes depende o seu destino, e será opportuno que já se discuta quem deva succeder-lhe?

Julgamos que sim.

Antevê-se a morte do *deficit*, embora não seja senão pelos meios sabidos e usuaves, e talvez que este governo não viva além da questão financeira, sendo a unica que legitima a sua existencia extra-partidaria, e tambem pôde ser, que antes um qualquer incidente parlamentar o derrube—convem pois desde já apreciar, qual d'entre os partidos militantes merece que depois nos governe.

Quanto mais o actual ministerio se esforçou em melhorar as condições do thesouro, tanto mais severa e escrupulosa deve ser a escolha dos futuros ministros; não venham estes desfazer com novos desmandos e loucuras a obra, que exigiu muita coragem, e custou muitos sacrificios—seria uma desgraça.

Excluidos parecem, os que sempre fizeram politica com as finanças, o que vale o mesmo que metter a mão na bolsa dos contribuintes, os que sem brios quinhoravam nos resultados d'uma gerencia, toda simoniaca, sem outros fins mais do que sustentar o seu partido, e com o partido a sua posição e influencia com os chefes.

Emquanto trovegavam as indignações populares, esses, os *avançados*, os declamadores de reformas, negociavam com os empréstimos, com os tabacos, com os vinhos, com os titulos de D. Miguel, com as notas monopolisadas no Banco Emissor, com os portos de mar, com as vias ferreas do Douro, do Minho, do Mondego e da Zambezia, com o assucar da betarraba, com a moagem agricola, com as caldas do Gerez, com as aguas de Lisboa, com os maninhos do Alemtejo, com as publicações officiaes, com os phosphoros, com as aguas ardentes, e negociariam com tudo, se com tudo fosse possível!!!

Uns negocios vingaram, outros não, porque não poderiam vingal-os.

São os monopolios expedientes temporarios, prejudiciaes n'um futuro proximo,

são erros crassos em economia, velhos processos ha muito condemnados, mas como negocios são dos melhores.

Foram uma burla as contas do thesouro, violencias e subornos as eleições, concluios as propostas de fazenda e das obras publicas, alfobres de votos todos os decretos.

Eis como restauraram as finanças, extinguiram o *deficit*, simplificaram os servicos, coartaram as despezas, evitaram os impostos e os empréstimos, e deram ao paiz edificantes provas de dignos e sabios estadistas! E eram estes os seus programmas!

Cahiram—e como o tratado africano, saliente contraste com as suas infelizes diplomacias, dava prestigio e força aos adversarios, sem se importarem com os interesses nacionaes, combateram-no por todos os modos, tumultos nas ruas, pateadas nas camaras, falsidades e calumnias na imprensa, e d'ahi nos resultou a perda d'uma parte de Manica, com as suas minas d'ouro, que o segundo convenio nos levou, e não se envergonharam, e não se corrigiram—a ambição das pastas continuou a inspirar os seus actos.

Nas camaras e nos jornaes

nunca se justificaram e das suas defezas e aggressões sahiram sempre corridos. Estão sem auctoridade.

Atacaram todas as reformas, que realizaram economias, com o fim de obterem o appoio d'aquelles a quem essas reformas lesavam—e ainda agora se levantam contra o actual governo no receio de que salvando-nos da crise, lhes tire o ensejo, *que julgam azado*, para o substituirem.

No poder e fóra do poder a sua politica é sempre a mesma, com os mesmos vizos, com os mesmos zelos pelo mando e pelos interesses partidarios, e com a mesma indiferença pelos interesses publicos.

Onde estão os indicios da sua emenda?

Onde estão as garantias, que nos dão de um bom governo?

Mudem de chefes os progressistas.

El-rei não pôde confiar-lhes os sellos do estado.

A. M.

CONFRONTOS

I

Está hoje na camara municipal, como vereador, o sr.

Fragateiro, que tem militado em todos os partidos, que tanto combateu, com insultos desbragados e baixos, os progressistas d'Ovar, o sr. José Luciano, Mattoso e outros, na imprensa e publicamente, e que na presente data, penitenciou-se, e pediu, com humildade de ovelha, licença para entrar como recruta, para o seio dos mesmos progressistas que—triste é confessar!—o acceitaram e arvoraram, *até vêr*, em mandão dos negocios do nosso municipio.

O bom do *politico*, de quem vimos fallando, está reunido com o sr. Polonia, e outros, victimas, que foram, da sua pena causticante em outros tempos.

A' frente da nossa camara—diz o sr. Fragateiro—temos homens honrados e capazes de satisfazerem as necessarias exigencias do povo.

Confrontemos agora.

E em 5 de janeiro de 1890, escreveu no *Povo d'Ovar*:

«—Saudemos a nova camara. A' frente d'ella está o Soares, o prototypo da honradez..... bem conhecida.

Passou á historia a vereação dos cacetes: maculada pelo celebre pagamento aos cabecilhas das arruças logo nos primeiros dias da sua posse, pelo roubo na Estrumada, pelo desperdicio dos bens municipi-

Folhetim da FOLHA D'OVAR

À QUI MIEUX

(OFFERECIDA AO EX.^{MO} SR. JOSÉ MARIA TRIXEIRA PINTO)

Eu vou pedir ao Jayme que me afine a lyra,
vou rogar á aurora que n'ella os sons desfira,
roubar lindos matizes aos infinitos prados,
o santo rosiclér aos lyrios ensanguentados,
a casta lua á noite e o sol ao alvorecer,
ao gorgeio das aves a doce melodia
para fazer, compôr, ornar, operar, tecer
myrifica produção, magnifica poesia.

Mas é noite: e envolta, agora,
em trevas repousa a aurora,
dormem as aves nos seus ninhos;
não se enxergam os caminhos,
nem brilha a lua fulgente;
viaja o sol no Occidente
e, quem sabe, s'elle voltará?

Os lyrios estão murchos já
na sua haste estiolada
e a lyra p'r'alli tombada
não arranca um *dó sequer*;
e o Jayme sem apparecer;
valha-me a Santa Maria!
Vou começar a poesia,
neo-nepheibatada,
sem roque, sem rei, sem nada.

Que lindo bouquet de rosas!
que rapariga! E' gentil!
—Amor! olha bem para mim:
em tuas faces mimosas
dou um beijo e darei mil
por uma só flôr. Diz: sim?—

—Muito obrigado, senhor;
os espinhos das maldosas
ferem bem, fazem soffrer;
mas, fidalgo, se faz favor
dê-me mil picantes rosas
por um só beijo meu. Não quer?—

—Não tenho rosas, linda flôr.—

—Pois não posso cavalheiro
acceitar o que deseja.—

—Posso eu dar-te o meu amor
qu'è sincero, verdadeiro,
por mil beijos teus. Sim?—

—Seja.—

E o cravo beijou a rosa
que ficou tal qual mimosa
como era no estio,
mas o beijo foi pai de flôr,
pois nasceu d'aquelle amor
Um jasmim alvo e macio.

Rezende, 6—1—93.

Augusto Maximo.

paes; caracterizada pela indecisão constante do medico Costa, pela renitencia de João Baptista, pelas prepotencias da Polonia e pelas intrigas do Carga. Passa á historia com a consciencia de nada ter feito em prol do municipio: de ter promovido sempre uma guerra pessoal e acintosa a tudo e a todos os que, vivendo honradamente, não subscreviam as palifarias do bando.

N'essas vinganças mesquinhas, odientas, todos cooperaram, todos as auxiliaram ou alugando a sua pessoa ou abrindo a sua bolsa.

De quando em quando no outro municipal, levanta-se João Baptista para protestar contra o desaforo dos caceteiros, que, confiados na impunidade, devastavam os bens do municipio.»

O publico de são criterio que commente.

SECÇÃO LITTERARIA

MIRÃO, 17 DE DEZEMBRO

Um freguez a quem mandei obra feita pelo n.º 44 d'este semanario, e que só no n.º 48 me vem dizer que sou um artista pessimo, faz com que, carissimos leitores, ainda hoje os não liberte d'esta massada, e, mais que massada, semsaborica escripta, que eu, na minha profundissima ignorancia, tive até hoje como o *non plus ultra* em correcção grammatical, e a maravilha da litteratura portugueza.

Que Augusto Maximo deite d'infusão, também por hoje, a sua vontade d'apanhar-me a *vaga*. Eu não lhe quero passar a officina sem ter saldado todas as minhas dividas. Se o não fizera, praticaria para com elle uma canalhice, e um roubo para com o freguez, que, tomado em boa conta, poderia chamar-se cobardia.

Trata-se do que me diz Manéca na correspondencia de Rezende, inserta no numero passado.

'Stroi—o réles, pretencioso, o grande philologo, o magno charlatão philologo, o banal, o parlapatão, o glotologo charlatão, o infatuado, o pedante réles, reconhece que a ayalição *sapientissima* que d'elle se faz é justa. Confessa que não esperava tão tremenda e correcta sova.

Repete porém, que, não por lhe gastar muito cabedal e alcatrão, mas por não conhecer no escriptor egualdade de forças, o não quer por freguez. Isto foi dito no n.º 44 da *Folha d'Ovar*.

Se entre nós se desse essa egualdade continuaria, se necessario fosse, a zurzil-o, esperando a sua resposta, firme e intrepido, como os antigos romanos perante a morte.

Assim, limito-me a dar-lhe uma lição mestre n'uma apreciação ultima.

Debaixo dos epithetos insultuosos com que se tentou (malograda empreza) ridicularisar e enlazarar o pobre sapateiro, vislumbro eu a falla fanhosa d'algum biguarim, bilhostre e estulto professor regio em quem já, talvez, picasse o bico da minha sovêla, ou a escripta d'algum grande intellecto d'agua chilra, zoilo, homem-ventosa, que Linneo teve o extravagante capricho de cla sificar no reino—*homosapiens*—que eu, sem pretensões a naturalista, clasifico—*homem-asno*—lastimavel serrano, larvicola da vadiagem, e talvez aspirante a bacharel em letras.

E, realmente, pela facies da aludida correspondencia, todos os leitores, comprehendem e conhecem, sem temor d'errar, que não é Manéca que falla até uma certa altura, a das noticias.

Isso não obsto, porém, a que o tresloucado mestre, bájulo inse-

AQUI TORCE A PORCA O RABO

(A MEU IRMÃO ANTONIO)

Escuta, meu Antonio: eu penso algumas vezes: Qual é a vida mais feliz, mais socegada?... Doutor? é uma vida que já não dá nada, E sempre muito cheia de duros revezes.

Por isso, Antonio, vejo decorrer os mezes Sem vêr a minha triste sorte melhorada... Ser padre? não; é uma vida atrapalhada; Só para aturar os caprichos dos freguezes!...

Houve alguém que já me lembrou um casamento Com uma dama bem rica que, n'um momento, Me trocasse esta negra vida de canceiras;

Mas eu entendo, meu caro, que é bem melhor, Para alcançar o que desejo sem favor, Professar n'um convento de loirinhas freiras...

Porto—1893.

Jayme F. Cirne de Magalhães.

cto, ou o estropiado scriba affiliado, por commiserção, á classe legitima da boa gente, insultasse tão só e não confessasse que Manéca era realmente um aprendiz da grammatica portugueza, como se prova das correspondencias anteriores, sem excepção.

Publicar escriptos de que outro é o principal escriptor, creio não poder chamar-se plagiato, ou rhapsodia, mas, por certo, baixeza, propria de gente *non sancta*.

Era para admirar a transformação se a correspondencia fosse da lavra do Manéca, e eu, francamente, confessava-lhe preito e homenagem então. Mas não teve logar a rizomatose. A raiz, raiz ficou. O grêlo, a radícula que brotou é d'uma raiz muito differente.

E, para palear mais o caso, se o pedagogo, o mysterioso dictador também mostra por isso a alma de que é dotado, poderia, ainda assim, insultar mais, não me negando uma certa habilidade, (só habilidade, geito) litteraria, e terminar, como Pilatos no crêdo—*Lavo d'ahi as mãos*—certo de que havia, incontestavelmente, empregado a mais evidente e assombrosa parrhesia, com a qual 'Stroi ficaria satisfeito e callado.

Considero por tudo quanto acima se diz tanto o Manéca como o mestre idiota ou o bacharellissimo degenerado indignos de justarem commigo no campo da legalidade da lingua patria apreciada sobre os meus escriptos ou sobre os seus.

Finaliso dizendo que a nada mais que pèz poderiam cheirar as obras do 'Stroi, tantas e tantas vezes mergulhava n'elle as mãos para besuntar a linha com que trabalhava; mas, permitindo-me perguntar, ao correspondente em questão, o que se encontrará ainda na face, interior, bifida dos fundilhos do hotentotico e imberbe villão (tome-se á antiga portugueza) que forneceu ao Manéca tão aceradas linhas.

Em todos os tempos a lama quiz trepar ás pernas dos caminhantes. Ficarei, pois, aqui, e emmudecerei de vez.

A' margem com elles.

'Stroi.

NOTICIARIO

EXPEDIENTE

Enviamos já os recibos para a cobrança do 2.º semestre do nosso jornal. Pedimos porisso a todos os nossos assignantes o obsequio de satisfazerem as suas importancias com brevidade, afim de regulamentarmos o serviço de escripturação.

A administração.

Agradecemos

Temos em nosso poder diversas paizagens photographicas, esmeradas e nitidas, que nos offereceu o nosso amigo e novo photographo amator d'esta villa, sr. Ricardo Ribeiro, e que agradecemos.

Foram estas vistas os seus primeiros trabalhos, que analizamos e admiramos, predominando desde esse momento no nosso espirito cabal ideia de que o sr. Ricardo Ribeiro, d'uma aptidão rara que, desde o verdor dos seus annos o acompanha, e ligado a uma vontade de extrema que, claramente, tem manifestado, devia em pouco tempo dununciar-nos um bom photographo.

Não nos enganamos.

O sr. Ricardo—pôde-se dizer—é proficiente na arte, attendendo ao pouco tempo de pratica. Pelo seu aturado estudo, habilidade e vontade tem conquistado as maiores e mais justas sympathias do publico.

Os seus trabalhos não desmentem.

Mais uma vez, recommendamos aos nossos leitores e leitoras *aficionados* esta moderna photographia, crentes de que não se hão de arrepender.

Os dois n'um

Porque será que o sr. Fragateiro, articulista principal e unico do *Povo d'Ovar* obedece a umas evasivas tão tristes para se furtar á contestação dos seus actos passados e presentes que, repetidas vezes, temos referido?

E o que denota mais graça é ser muitas vezes este *politico* de *todas as politicas*, o primeiro a encetar polemica commoço.

Para que e com que fim, se as suas responsabilidades são tantas e se por isso ninguem pôde dar credito aos seus ataques balôfos?

E este *politico* está ha muito tempo definido; o que não quer dizer que nos recuzemos a responder-lhe.

Passemos, portanto, a palestrar. Antes de tudo: Foi o sr. administrador que solicitou do seu novo amigo a valiosissima fineza de o defender?

Sim, porque ao sr. Alpheu negamos a competencia de uma justificação.

O sr. Alpheu está egualmente definido, e bem definido. Falla por nós a opinião publica, menos... o sr. Fragateiro! Coizas que bem percebemos!...

Conclusão: o *segundo* é de egual tomo do *primeiro*; e por isso... são—*dois n'um!*

Passemos agora á resposta.

O director do *Povo d'Ovar*, ferido e envergonhado pela transcripção que fizemos de um ou dois

periodos seus respeitantes ao sr. administrador do concelho, diz: «—Este jornal... Pedimos perdão para um parenthese. Faltou accrescentar as palavras—*independente-progressista*

«Este jornal applaudiu o sr. dr. Alpheu quando entendeu que o devia applaudir, e reprovou os actos que entendeu dever reprovar. Mais nada».

Pois, amigo collega, nós... pela mesma: ninguem nos pode roubar o direito de censurarmos ou elogiar-mos os actos do sr. administrador, e até de aconselhal-o.

Como? aconselhal-o? — dirá o *Povo d'Ovar* espantadissimo, e sem razão para tal como vae vêr.

Aconselhal-o sim, porque o sr. Alpheu é um bello moço, mas muito creança.

Mostrou-se após a sua chegada a este concelho—intemerato, profundo no cargo que veio exercer e exerce, e intransigente, quando por ultimo demonstrou evidentemente ser—medrozo, e principiante no officio, e enlão um *politico* como o sr. Fragateiro.

Não foi o espectáculo do dia 1.º que nos serviu de pretexto para dirigirmo-nos pela primeira vez ao sr. administrador do concelho.

Entendiamos e entendemos ainda (a opinião do *Povo d'Ovar* não é autorizada), que aquella auctoridade devia comparecer alli, sem reclamações; e n'esse cazo, affirmamos que essas reclamações existiram; quem não *existia* ainda no theatro era o sr. administrador.

Além d'isso nada mais diriamos sobre esta auctoridade, emquanto não obse vassemos mais irregularidades nos seus actos, se o *Povo d'Ovar* não viesse á estacada, a modo de quem nos queria amedrontar.

Que engano cruel!

Faz mal, muito mal, o collega, em o defender, porque, quando pensa beneficial-o, enterra-o de mais em mais.

E o sr. Alpheu tão creança que não comprehende isto.

Está definido—é uma creança.

Questão de direito—Replica

O *Povo d'Ovar* com uma desfaçatez inqualificavel que não illude o publico conhecedor d'esta questão de musicas, e a que nós chamamos antes—questão de facciosismo politico da parte d'este collega—apresenta-se novamente a campo, manifestando-se imparcial!

Não admira esta maneira de responder. E' que este collega considera a philharmonica «Boa-União» a banda que pertence ao regimento politico do qual presentemente, tomou o commando, depois do costumado juramento de bandeiras; e por isso, trata de a defender e defender os seus adeptos, porém com a mais escrupulosa imparcialidade!

O *Povo d'Ovar* independente n'esta questão?! Quando?

Ponhamos o vên do olvido por sobre a sua *reconhecida independencia* (!) mas não deixemos de reparar como o collega acredita no fabricado desmentido do sr. Valente Compadre ao sr. Antonio Maria Valerio.

Acreditando, ainda que com muito escrupulo, que é aquelle cavalheiro o actor d'uma carta publicada n'aquelle jornal em resposta a uma outra que o sr. Valerio publicou na *Folha d'Ovar*, não nos furtamos á necessidade de dizer que o sr. Valente Compadre, longe de desmentir o sr. Valerio, desmente-se a si proprio, porque—talvez ingenuamente—quebrou a sua palavra d'honra, quebrou a sua dignidade inteira.

Ainda assim não é elle o verdadeiro culpado: são-o também e em grande parte espiritos divinos e facciosos que o auxiliaram.

O sr. Antonio Maria Valerio, esse homem velho e honrado, que esta villa sempre respeitou e ainda hoje a classe illustrada o respeita, não pôde ser deslustrado pelo sr. Valente Compadre e seus poucos e ignorantes adeptos. Este velho digno jámais renunciou aos seus compromettimentos; por isso ninguem pôde acreditar que elle mentisse quando narrou a combinação de affazeres que teve com o mesmo sr. Compadre e outros. A guerra atrocissima e já antiga que animos contaminados pelo venenoso bicho de odios ferinos e injustificaveis travaram contra o inoffensivo sr. Valerio, compadece-nos; e é movido por essa compaixão que nos collocamos á sua frente para o defender, posto que não abandonaremos emquanto—permitted-nos o termo militar—o toque de *cessar fogo* do inimigo não ferir os nossos ouvidos.

O faccioso *Povo d'Ovar* tem de abandonar o campo em que sempre se chafurda; e, quando por teimosia e caprichos futeis, continue, deve responder-nos cabal e conscienciosamente.

Assim, por exemplo, diz o collega «que o desmentido do sr. Valerio não pôde valer contra um documento authentico firmado por cavalheiros respeitaveis como são os que assignaram a acta...»

Ouçã agora, collega: o rev. F. Baptista faz ou não parte da irmandade do Senhor? Faz. E entra também este sacerdote no numero das pessoas respeitaveis? Só se já mudou de costumes, porque, como lhe fizemos ver, o collega, em 10 de março de 1889, *nimo-seou-o* com estas bellissimas phrases:

«—Padre Francisco segue esta maxima—o que é de todos é meu, mas o que é meu não é de todos. São varios os modos de ver, e os modos de cada um se arranjar.»

E mais abaixo:

«—Agora tocou a sortê a padre Francisco Baptista, um santo varão que, segundo parece, nada tinha pilhado até esta data, apesar de ser o politico mais antigo do partido.»

E ainda mais abaixo:

«—Padre Francisco comprehendem bem as maximas do Evangelho e as modernas tradições do bando limonada. Arrepanhar, arrepanhar, eis o seu unico principio.»

Diga-nos agora o *Povo* que ideia faz d'este divino mestre; e, depois de nos esclarecer, combata.

Este sacerdote recto entra na questão porque tem parte, como presidente, na irmandade do Senhor.

Pôde-nos contestar?

E' o que vamos ver, e por hoje... nada mais.

E' bom saber-se...

As primeiras economias da camara, entre outras que ainda não conhecemos á fundo, foram: nomear dois guardas da matta municipal com o vencimento de 500 réis!

Perguntamos, se no tempo do sr. dr. Aralla estes empregados vençiam mais de 200 réis.

Os beneficiados d'agora foram os snrs. Manuel Lopes e Manoel Ramada.

Muito nos admira este segundo aceitar o cargo de simples guarda, quando no tempo em que era do sr. dr. Aralla aspirava o logar de fiscal do governo!

Como, porém, é fiscal... da Estrumada não está mal!

Parabens á camara das economias.

Novos medicamentos

Recebemos e agradecemos um livro do sr. Francisco José da

Costa, proprietario da acreditada pharmacia homœopathica, de Lisboa, que explica fundamentadamente os novos medicamentos e preparações homœopathicas

Brevemente trataremos de analizar circumstanciadamente este livro que deve ser util e o que desde já recommendamos aos leitores.

Enfermo

Aggravaram-se, infelizmente, os padecimentos do nosso sympathico e prestimoso correlligionario, sr. Manoel Joaquim Rodrigues, do Outeiro, o que devêras sentimos. Oxalá sejam breves as suas melhoras.

Finamento

Na sexta-feira finou-se uma netinha do sr. dr. Domingos Aralla, em Albergaria-a-Velha. Cumprimentamol-o por este motivo.

De passagem

Cumprimentamos no sabbado o nosso dilecto amigo, o sr. Francisco Olympio da Fonseca, de Oliveira d'Azemeis, filho do dignissimo contador d'aquella comarca e nosso venerando amigo, sr. Francisco Joaquim da Fonseca.

Tivemos o prazer de abraçar no domingo o nosso amigo, sr. Manoel Pinto Cortez, ultimamente residente em Rezende, e que hontem seguiu para a cidade do Porto, aonde continuará a estudar.

Acha-se tambem n'esta villa o sr. Manoel Rodrigues Gomes Casca, proprietario, e residente em Lisboa.

Anniversarios natalicios

Passaram os seus anniversarios: —Na segunda-feira o nosso muito amigo e importante negociante d'esta villa, o sr. Antonio de Souza Campos.

Reconhecidos, agradecemos o convite que nos foi feito para tomarmos parte nos festejos d'annos.

Hontem o nosso amigo, intelligente secretario da administração d'este concelho e valente caudilho do partido regenerador d'esta villa, sr. Isac Fonseca da Silveira que, para não soffrer o nosso despeito, enviou-nos cartão de convite para assistirmos a uma esplendida ceia que teve lugar nos campos fronteiros ás Pontes, e que correu n'uma animação constante!

Por motivo de tão alta fineza apresentamos ao sr. Isac Silveira a nossa profunda gratidão, e pelo seu anniversario damos-lhe mil parabens.

Trespasse

Por estes dias trespassa-se a loja do nosso amigo, Souza Campos, ás Pontes, para o predio pegado que ultimamente comprou.

Tambem tenciona fazer uma importante liquidação de diversas fazendas no seu antigo estabelecimento, liquidação que começa hoje. Ahi tem o publico um acaso feliz, podendo comprar por preços commodos boas e variadas fazendas.

Recommendamos portanto, o estabelecimento do sr. Antonio de Souza Campos, crentes de que ninguem se ha de arrepender, porque encontrará o bom e barato e um vendedor captivante pela sua educação, sympathia e agrado como é Souza Campos. E' aproveitar, pois.

Fallecimento

Ante hontem finou-se em sua casa, o sr. Manoel José de Pinho, negociante, pae do sr. Abel de Souza e Pinho, muito digno e illustrado amanuense da administração d'este concelho, e irmão do sr. Francisco Pinho, da rua de Santo Antonio.

O respeitavel finado contava 60 annos e encontrava-se ha pouco mais de um anno com o terrivel mal de *alminuria*.

Na terça-feira, de manhã, foi accommettido de uma paralytia no tribunal, sendo levado quasi sem sentidos para casa, aonde falleceu pelas 3 horas da tarde.

O finado era um caracter probo, pae em extremo dedicado e amigo franco e agradável.

Todas as pessoas sentem este inesperado finamento; e nós sentimos igualmente esse golpe que dilacerou a alma boa do seu filho, sr. Abel de Pinho e de toda a familia, golpe a que nos associamos, enviando por ultimo, aos enluctados, o nosso sentidissimo pezame.

Uma coincidência:

N'esse mesmo dia fez annos o sr. Abel de Pinho. Festejou-os com lagrimas!

Theatro «Ovarense»

Por falta de um amador, ficou transferido o espectáculo que devia realisar-se no domingo, no nosso teatro.

Ainda não está marcado o dia definitivo.

Venha isso quanto antes, porque do contrario... perde o gosto.

Ao lar

Chegou a sua casa, vindo de Oliveira de Azemeis, o nosso *reinaldo* amigo, sr. Francisco Ribeiro da Costa e sua ex.^{ma} esposa. O nosso aperto de mão.

O carnaval

Vem perto o carnaval, e o Silva Cerveira, a instancias de amigos, resolve dar os bailes do costume.

Brevemente receberá um completo sortimento de bisnagas e *mais coisas*.

Portanto... alegre-se a rapaziada!

Para o numero seguinte daremos noticia mais circumstanciada a este respeito.

Respondendo

Recebemos á ultima hora uma carta do sr. Antonio Maria Valerio a responder ao sr. José Maria Valente Compadre, e a que damos, seguidamente, publicidade.

Ex.^{mo} sr. José Maria Valente Compadre:

Das duas cartas que v. ex.^a publicou no jornal *Povo d'Ovar*, se vê claramente que todo o seu desejo é divertir-se com a minha humilde individualidade, e fazer assim ver ao publico que Valerio não passa de um homem fraco—d'um grande mentiroso.

Mas, sr. Compadre, fique sabendo que essas cartas que tem assignado, apesar de serem tão galvanizadas de insenção, ainda assim despedem um olor repugnante; e não podem por isso, produzir o effeito desejado. Seria mais conveniente que o sr. Compadre se de-

dicasse unicamente a semear *bata-tas*...

Direi mais ao sr. Compadre que não são as suas cartas que enxovalham o meu nome, nem prejudicam a minha dignidade, porquanto a minha conducta é já, de ha muitos annos, bem conhecida, não só das principaes familias do districto, mas ainda de muitas e muitas outras de diferentes e distantes terras.

Todos sabem que o Valerio nunca faltou á verdade.

Termino por dizer-lhe que, se ainda assim lhe fico a dever satisfação alguma, fico ao seu dispor, (não por escripto, mas pessoalmente) como seu servo humilde.

Antonio Maria Valerio.

Sera verdade?

Referê-nos o nosso amigo F. Marques, que tem o seu *casorio* justo ha dias.

O nome da *feliz* não revelou; em todo o caso ahi fica o aviso para os seus amigos!

CHRONICA

Um susto

T'arrenego!

Perdia-se ao longe, muito ao longe, atravessando o espaço, no meio de geral silencio, arrastado e brando, o echo das doze badaladas, monotonas e vagarosas.

Meia noite!

A essa hora já adiantada velava eu ainda, deitado, relendo aqui e além um precioso livro de Camillo.

Tudo era socego no meu desordenado cubiculo, tudo era tristeza.

E então o capitulo que folheava descrevia uma scena tetrica capaz de amedrontar o mais corajoso, e que tinha lugar a horas mortas da noite.

A luz frouxa e tremula da vela imprimia-me n'alma um sentimento ignoto, e o zumbir agudo, muitas vezes imperceptivel, do insecto, chamava-me a meditar muito no passado, no meu passado infantil.

Meia hora depois, lia ainda, mas já com dificuldade: algumas lagrimas nascidas do canção, borbulhavam-me os olhos já piscos, já a pedirem que cerrasse as palpebras para ceder á força do somno.

E cedi.

Mas...—que foi?—a porta do quintal é impulsada uma, duas, tres, quatro vezes.

Ai! Morro! Ladrões, ladrões em minha casa!

Timido como sempre, porém revestido de repentina e estranha coragem, louco, sem tempo a premeditar o mal, o iminentissimo perigo, talvez a morte, que poderia advir do meu arrojado, levanto-me em cuécas, pego do ferrugento revolver, preparo-o n'um apice, abro a porta impulsada e... tum!

Nem um gemido, o mais leve rumor no quintal, nada...

Que foi? Que havia de ser?

Era o meu cãosinho—o meu «Poeta»—, espantado e lampeiro, trazendo pendente da afiada dentadura um grosso e comprido bacalhau que pesava talvez mais de quinze arrateis!

T'arrenego!

Ri-me da astucia de meu «Poeta» ladrão, ri-me de mim, bebi agua, fumei um brejeiro e dormi.

Na manhã seguinte, manhã d'um sol primaveril, abri a janella para gozar a brisa suave, gozando então

grandes gargalhadas quando ouvia pragas e mais pragas da visinha da direita contra o tratante e malcreado do gato da sua outra visinha que lhe havia roubado do tanque um enorme peixe de bacalhau destinado, que estava, para a primeira refeição dos seus trabalhadores n'esse dia.

—Foi o gato da sr.^a Fulana?— disse á visinha roubada.

—Foi sim, senhor Jayme— e continuava a pragnejar.

—Ora, deixe estar— continuei passados minutos, suffocando o riso— que hei-de emprestar-lhe o meu cão—o meu «Poeta» para guardar, á noite, o seu quintal dos gatos.

—Faz-me muito favor n'isso; e desde já, muito *aguardecido*.

—Não ha de quê e até logo. E foi o ladrão do meu «Poeta» que me pregou um susto d'estes, susto de tal ordem grande que, ao deitar-me depois, percebendo as coécas humidas em algumas partes, as despi immediatamente e immediatamente reconciliei o somno.

T'arrenego, «Poeta» d'uma figa!

E devo eu rematar a chronica já, eu que fiz juramentos sagrados a uma leitora de que seria amabilissimo para ella, em especial, e para as outras em geral?

Não. Fio da pontualidade, esticarei mais o escripto para agrado e para bem meu.

Ahi vai, pois, uma historia curta e viridica.

Enviei carta *aquella* que me prende pelos sorrisos maliciosos e olhares faiscantes, nos seguintes termos:

Não t'ei-de ser inconstante, Juro-o á luz da candeia. Crê, pois, n'este juramento, Minha rica «Cara-feia»!

E a resposta?

Eil-a:

Eu nunca gostei de ti, Por seres da *Folha d'Ovar*. Se fosses do *Ovarense*, Talvez te podesse amar!

Aqui teas, leitora, a historia. Afia a tua critica contra a minha ingrata «Cara-feia», e chora comigo, se és regeneradora; se és progressista, bate as palmas de contente... e deixa-me.

Jayme.

CORRESPONDENCIAS

Regoa, 15 de janeiro

No verdor dos annos, dezoito primaveras apenas, falleceu n'esta villa a ex.^{ma} sr. D. Adelaide Braz Fernandes, filha do nosso respeitavel amigo José Braz Fernandes e esposa do nosso querido e sympathico amigo José Pereira da Silva, muito digno pharmaceutico na villa de Amarante.

O seu enlace com tão esbelta e gentil menina foi devêras desditoso, pois que apenas mezes estiveram unidos.

Uma tísica galopante cortou a existencia de tão illustre menina, deixando na viuvez o esposo que tanto a idolatrava e um vacuo substituiu na familia que tanto a estremecia.

As nossas mais sinceras e cordeas condolencias ao pae e esposo.

—Os povos d'este concelho têm andado devêras sobresaltados com a vagabundagem de alguns cães hydrophobos.

Já foi victima do virus rabico d'um d'estes perniciosos animaes um pobre cocheiro d'esta villa.

A camara municipal, á frente da qual está hoje um rapaz a todos os respetos muito digno de

consideração, já pelo seu caracter e já pela sua muita competencia, d'accordo com o ex.^{mo} administrador d'este concelho, tem adoptado medidas de subido alcance afim de exterminar tão perigosissimos animaes.

Não descance, pois, enquanto não der exterminio completo a semelhante raça.

—Por hoje nada mais me occorreu para relatar.

A terra é pequena e consequentemente pouco fertil em noticias. Até á semana.

S. Garrido.

Rezende, 15 de janeiro

Meu caro Gomes Dias:

Por falta de tempo limitar-me-hei só a duas ou tres lérias.

O nosso sapateiro «Stroi» fica em paz por hoje, e creio que muito folgará com isto... mas aguardo-me para outra semana, contando que os butes venham promptinhos, hein, seu «Stroi»?

—Por engano disse, na minha carta passada, que o ex.^{mo} sr. Manoel Loureiro da Fonseca, o visinho do nosso sapateiro «Stroi», tinha partido para Coimbra, quando é certo que o intelligente moço e sympathico rapaz está gravemente doente, razão porque deixou d'ir. Desejamos-lhe progressivas melhoras para não perder o anno.

Falleceu hontem pelas dez horas da manhã o ex.^{mo} sr. Victorino Teixeira Dias, muito digno escripturario de fazenda n'este concelho. Era um rapaz d'uma probidade incomparavel. A familia enluctada o nosso sentidissimo pezame.

—Tem estado entre nós o ex.^{mo} abba de Nespereira, Thomé Pinto Cardoso.

Partiu para essa villa o nosso patricio e amigo, rev.^{mo} Manoel Pinto Cortez. S. ex.^a foi acompanhado á *gare* do caminho de ferro por diversos amigos, primos, parentes ardentos, etc., etc., e tal... pontinhos.

—Conсорciou-se ha dias na egreja matriz d'esta villa o nosso commendador Bento Loureiro da Fonseca, com a ex.^{ma} sr.^a D. Maria Bento Loureiro da Fonseca de tal... e tal, sobrinha do mesmo sr. commendador.

Até á semana.

Manêca.

ANNUNCIOS JUDICIAES

EDITOS

(1.^a PUBLICAÇÃO)

Na comarca d'Ovar, e cartorio do escrivão Ferraz, correm editos de 60 dias, a contar da segunda publicação d'este annuncio no «Diario do Governo», citando os interessados José Marques dos Santos e Antonio Fernandes de Oliveira, ambos casados, auzentes no Brazil, em parte incerta, para assistirem a todos os termos do inventario orphanologico a que se procede por fallecimento de seu sogro Francisco Rodrigues Constantino, morador, que foi, no logar das Pedras de Cima, freguezia d'Arada, sem prejuizo do seu andamento.

Ovar, 13 de janeiro de 1893.

Verifiquei.

O juiz de direito, *Salgado e Carneiro.*

O escrivão, *Eduardo Elysis Ferraz de Abreu.* (77)

ARREMATACÃO

(2.ª PUBLICAÇÃO)

No dia 29 do corrente, pelo meio dia, á porta do tribunal judicial d'esta comarca, na execução por custas movida pelo digno agente do ministerio publico contra Antonio d'Oliveira Santos, viuvo, do lugar de Casemes da freguezia de S. Vicente, e seus filhos e netos, vae á praça para ser arrematada por quem mais offerecer—uma morada de casas terreas com terra d'horta, pomar e mais pertenças, allodiaes, sitas n'aquelle logar e freguezia, avaliadas em 80,5000 réis.

São por este meio citados os credores incertos dos executados para usarem dos seus direitos.

Ovar, 7 de janeiro de 1893.

Verifiquei

O juiz de direito,
Salgado e Carneiro.

O Escrivão,

Antonio dos Santos Sobreira. (74)

EDITOS

(2.ª PUBLICAÇÃO)

Pelo juizo de direito da comarca d'Ovar, e cartorio do escrivão Ferraz, correm editos de quatro mezes a contar da segunda publicação d'este annuncio no *Diario do Governo*, afim de se poder dar á execução, na forma do § 2.º do artigo 407.º do Codigo do Processo Civil, a sentença proferida no dia 7 do corrente mez e anno, na acção especial de petição de herança do ausente Antonio Nunes Coelho, requerida por Francisco Nunes Coelho, solteiro, Jacintho Rodrigues da Silva e mulher, Antonio Soares d'Almeida e mulher e José Fernandes e mulher, todos da freguezia d'Arada, a qual sentença julgou os auctores herdeiros presumptivos do referido ausente, para poderem haver toda a sua herança, sem caução.

Ovar, 10 de janeiro de 1893.

Verifiquei a exactidão

O juiz de direito,

Salgado e Carneiro.

O escrivão,

Eduardo Elycio Ferraz de Abreu. (75)

Arrematação

(1.ª PUBLICAÇÃO)

No dia 5 de fevereiro proximo, pelo meio dia, á porta do tribunal judicial d'esta comarca, e no inventario de menores aberto por obito de Francisco José de Assumpção, morador, que foi, no logar de Guilhovae d'esta freguezia, vae á praça para ser arrematada por quem mais offerecer—uma casa e aido com terra lavradia pegada e mais pertenças, sitas no mesmo logar, allodial, avaliada em 100,5000 réis.

As despezas da praça e a contribuição de registro são á custa do arrematante.

Por este meio são citados os credores incertos para usarem dos seus direitos.

Ovar, 14 de janeiro de 1893.

Verifiquei

O juiz de direito,
Salgado e Carneiro.

O escrivão,
Antonio dos Santos Sobreira. (76)

ANNUNCIOS

EMILIO PIMENTEL

Sciencia dos Seculos

Obra illustrada, em 5 volumes

A *Sciencia dos Seculos* será distribuida, no Porto e em Lisboa, aos fasciculos de 32 paginas, ou 24 e uma estampa, pelo modico preço de 50 réis, pagos no acto da entrega.

Para as provincias a remessa será feita aos fasciculos de 64 paginas ou 48 e duas estampas, custando cada fasciculo 100 réis, franco de porte.

Recebe-se assignaturas nas principaes livrarias do reino. Toda a correspondencia deve ser dirigida, franca de porte, ao editor da *Sciencia dos Seculos*, rua de D. Pedro, 184—Porto.

NOTAS DE EXPEDIÇÃO

PARA ENCOMMENDAS

FEITAS PELA

COMPANHIA REAL

DOS

Caminhos de Ferro Portuguezes

Impressas nitidamente em bom papel. PREÇOS, por milheiro, muito rasoaveis. Ha sempre grande deposito na

Imprensa Civilisação

Largo da Pocinha, 73 a 77

PORTO

REBUÇADOS MILAGROSOS

ATTESTADO:

Pela inspecção da fórmula dos REBUÇADOS MILAGROSOS preparados pelo habil pharmaceutico o sr. Manoel Ferreira Mendes, convencimento de que elles deviam ser de grande utilidade no tratamento dos PADEIMENTOS PULMONARES ACOMPANHADOS DE TOSSE. Por isso tenho prescrito estes rebuçados a muitos dos meus doentes, e os resultados obtidos, confirmando plenamente a minha expectativa, animam-me a aconselhar o uso d'este medicamento nas DOENÇAS DO APPARELHO RESPIRATORIO, AINDA NAS MAIS GRAVES, em que a TOSSE predomina.

Porto, 22 de julho de 1892.

José Rodrigues Leal de Faria.

Bacharel formado em medicina pela Universidade de Coimbra, medico sub-chefe do serviço de saude nos caminhos de ferro do Minho e Douro, etc., etc.



GRANDES ARMAZENS DO

Printemps

NOVIDADES

Envia-se gratis e franco

o catalogo geral illustrado contendo todas as novidades para a ESTACÃO de VERÃO, a quem o pedir em carta franqueada e dirigida a

MM. JULES JALUZOT & C^o PARIS

São igualmente enviadas franco as amostras de todos os tecidos que compõem os nossos immensos sortimentos, especificando-nos o melhor possivel de generos e os preços.

CASA DE REEXPEDIÇÃO EM LISBOA:

TRAVESSA DE S. NICOLAU 102-4.

Todas as encomendas expedidas por intermedio da nossa casa reexpedidoras de Lisboa são franco de porte até aquella cidade, seja qual for a sua importancia.

Para as outras localidades, as despezas de reexpedição são por conta dos nossos clientes.

As encomendas pedidas a Paris e acompanhadas de sua importancia, podem ser expedidas directamente ao endereço do cliente, em tantos volumes postaes, franco de porte, quantas vezes 50 francos se contiverem na factura.

Para outras explicações veja-se as condições d'expedição nos nossos Catalogos.

PAPEL

De jornaes, formato grande para embulho.

VENDE-SE

Ao kilo, a preço muito modico

Rua do Meio n.º 82—Porto

Loja de encadernador)

CARTÕES DE VISITA

160, 200, 240 e 300 réis

Na Imprensa Civilisação. Envia-se pelo correio, a quem enviar a sua importancia adeantadamente.

Largo da Pocinha 73 a 77

CATALOGO DAS OBRAS

A' VENDA NA

Imprensa Civilisação

Largo da Pocinha, 73 a 77—PORTO

Dramas, comedias e scenas-comicas

- Cynismo, scepticismo e creença*, Cesar de Lacerda, comedia-drama original em dois actos (2.ª edição) 300
- O captivo*, (do mesmo auctor), canção original 50
- Henriqueta, a aventureira*, (do mesmo auctor), drama em 5 actos, com o retrato da heroína e 4 gravuras representando as principaes scenas do drama 400
- Os homens que riem*, (do mesmo auctor), comedia em 3 actos 400
- Homens e feras*, (do mesmo auctor), drama em 1.º prologo e 3 actos 400
- Os viscondes d'Algerão*, (do mesmo auctor), comedia original em 3 actos e 1 prologo dividido em 2 quadros 400
- O poder do ouro*, por Dias Guimarães, drama em 4 actos 500
- O Condemnado*, (do mesmo) drama em 3 actos e 4 quadros 400
- Theatro comico—Entre a flauta e a viola—A morgadinha de Val d'Amores*, (do mesmo auctor) 400
- A Judia*, por Pinheiro Chagas, drama em 5 actos 400
- Magdalena*, (do mesmo auctor), drama em 4 actos 400
- Helena*, (do mesmo auctor), comedia em 5 actos 400
- No palco* (monologos e dialogos em verso) por Raul Didier, 1 volume 400
- Dá cá os suspensorios*, (do mesmo auctor), comedia em um acto 100
- Villão, o fugitivo da cadeia do Porto*, (do mesmo auctor), comedia-drama em 3 actos 200
- Ambos livres*, por Antonio de Sousa Machado, comedia em 1 acto 100
- Os homens de bem*, por Antonio Correia, drama original em 5 actos 300
- Tribulações d'um marido*, por João Coutinho Junior, scena comica original 100

Contos e historias diversas

- O verdadeiro livro de S. Cypriano*, traduzido do original por N. C. D.—Primeiro e segundo livro com estampas coloridas 500
- Arte para curar bois, vaccas, borregos, porcos, cabras e outros animaes* 60
- Malicia e maldade das mulheres e a malicia dos homens* 40
- Historia dos tres filhos, ou o gato das botas* 20
- O noivado do sepulchro* (ballada) 20
- Auto da Muito Dolorosa Paixão de Nosso Senhor Jesus Christo*, conforme a escreveram os quatro Evangelistas 60
- Auto de Santa Barbara*, virgem e martyr, filha de Dioscoro, gentio, em que fallam Santa Barbara, tres pedreiros, Dioscoro, pai de Santa Barbara, um anjo, dous Jutores, Marciano, um alcaide, e um ancião 40
- Acto intitulado Apartamento da Alma*, em que se contém duas obras admiraveis novamente dadas á luz:—A primeira contém uma pratica sentida entre o corpo e a alma, e a segunda o Rosario da Virgem Santissima 40
- Auto de Santa Catharina*, virgem e martyr, filha do rei go do de Alexandria, em o qual se conta seu martyrio e glorioso fim 40
- Auto do Dia de Juizo*, no qual fallam S. João, Nossa Senhora S. Pedro, S. Miguel, um Seraphim, Lucifer, Satanaz, David, Absalão, Urias, Cim, Abel, Dálio, um villão, um tbellião, um carneiro, uma regateira e um moleiro 40
- Auto de Santo Aleixo*, filho de Eufemiano senador de Roma 40
- Auto de Santo Antonio*, livrando seu pai do patulbo 40
- O Judeu errante* (historia biblica) 20

Manaus, Pará, Maranhão, Ceará, Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Santos e outros portos do Brazil



Vendem-se passagens a preços muito reduzidos para todos aquelles portos dos Estados Unidos do Brazil.

Tambem se dão passagens gratuitas para os portos acima mencionados a individuos solteiros, homens ou mulheres e familias inteiras, ficando livres de quaesquer compromissos e podendo á sua vontade empregar-se em qualquer trabalho e residirem onde quizer.

Vendem-se tambem a preços commodos passagens para os diversos portos da Africa Portugueza, Occidental e Oriental.

Preparam-se todos os documentos necessarios e apromptam-se gratuitamente.

Dos seus amigos e freguezes esperam os abaixo assignados, agentes das companhias, se lhes dirijam para obter qualquer passagem.

Os agentes em Ovar,

Antonio da Silva Nataria
Antonio Ferreira Marcellino.

Porto—IMPRESA CIVILISAÇÃO—Largo da Pocinha, 73-77